

# De Volta para o Futuro: A Perspectiva Preterista

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

Com uma recente enxurrada de livros e conferências, a perspectiva preterista está começando a fazer sua presença sentida nas discussões proféticas atuais. Desafortunadamente, a escatologia dispensacionalista, que surgiu nos anos de 1830 e é construída sobre um sistema *futurista*, domina abrangentemente a pregação, educação, publicação e difusão evangélica hoje. Consequentemente, os cristãos evangélicos são amplamente alheios ao preterismo, fazendo-o parecer ser o “novo cara do pedaço”. O preterismo, contudo, é tão antigo quanto o futurismo. E a despeito de seu escurecimento neste século, ele tem sido bem representado por eruditos proeminentes, crentes na Bíblia, durante todos os séculos até os nossos dias.

Um dos preteristas antigos mais conhecido e acessível é Eusébio (260-340 d.C.), o “pai da história da igreja”. Em seu clássico *História Eclesiástica*, ele detalha as desgraças de Jerusalém em 70 d.C. Após uma longa citação do livro *Guerras dos Judeus* de Josefo, Eusébio escreve que “é apropriado adicionar aos seus relatos a verdadeira predição do nosso Salvador na qual ele predisse esses próprios eventos” (3:7:1-2). Ele então se refere ao Discurso do Monte das Oliveiras, citando Mateus 24:19-21 como sua principal referência e mais tarde Lucas 21:20,23,24. Ele conclui: “Se alguém compara as palavras do nosso Salvador com outros relatos do historiador com respeito à guerra toda, como pode não se maravilhar e admitir que a presciência e a profecia do nosso Salvador foi verdadeiramente divina e maravilhosamente estranha?” (3:7:7).

Outro documento antigo aplicando Mateus 24 ao ano 70 d.C. são as *Homilias de Clemente* (século II): “Profetizando com respeito ao tempo, ele disse: ‘Não vedes todas estas construções? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada (Mt 24:2); e esta geração não passará até que a destruição comece (Mt. 24:34)...’. E de maneira similar ele falou em claras palavras as coisas que estavam perto de acontecer, que podemos ver agora com nossos olhos, para que o cumprimento pudesse estar entre aqueles a quem as palavras foram pronunciadas” (CH3:15).

Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) discute a septuagésima semana de Daniel como um evento passado: “Metade da semana Nero existiu, e na cidade santa de Jerusalém colocou a abominação; e na outra metade da semana ele foi tirado, bem como Óton, Galba e Vitélio. E Vespasiano subiu ao poder supremo, destruiu Jerusalém e desolou o lugar santo” (*Miscelâneas* 1:21). O famoso pré-milenista Tertuliano (160-225 d.C.) escreve sobre a conquista Romana: “E assim, no dia do

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com).

ataques deles, os judeus cumpriram as setenta semanas preditas em Daniel” (*Uma Resposta aos Judeus*, 8).

Até mesmo o Livro de Apocalipse é aplicado ao ano 70 d.C. por muitos na antiguidade. Em seu livro *Interpretação do Apocalipse*, André da Capadócia (século V) observou que “não estão errados aqueles que aplicam essa passagem ao cerco e destruição de Jerusalém por Tito” (Ap. 6:12). Mais tarde ele comentou: “Essas coisas são explicadas por alguns como sendo aqueles sofrimentos que foram infringidos pelos romanos sobre os judeus” (Ap. 7:1). De acordo com o famoso historiador da igreja Henry Wace, o comentário de André é “a exposição sistemática mais antiga do livro na igreja grega”. O próprio André nos informa que ele o escreveu para “desvelar o significado do Apocalipse, e fazer a aplicação adequada das suas predições aos tempos que se seguiram”.

Aretas da Capadócia (século VI) também nos fornece um comentário sobre Apocalipse que, de acordo com Wace, “professa ser uma compilação” e não uma “mera reprodução da obra do seu predecessor, embora incorporasse uma grande porção dos conteúdos daquela obra”. Aretas aplica especificamente várias passagens em Apocalipse ao ano 70 d.C. (Ap. 6-7).

Dando um salto na história, encontramos o jesuíta espanhol Alcasar (1614) que sistematizou grandemente a abordagem preterista do Apocalipse. Aproximadamente nesse mesmo tempo grandes preteristas surgiram, tais como Hugo Grotius (1583-1645) e Jean LeClerc (1657-1736). De fato, um dos maiores intelectos da Assembléia de Westminster foi um forte preterista: John Lightfoot (1601-1675). Em seu *Comentário sobre o Novo Testamento do Talmude ao Hebraica*<sup>2</sup> (1674; rep. 1989) Lightfoot ofereceu uma excelente exposição preterista de Mateus 24 (2:308-321), com alusões a 2 Tessalonicenses 2. Da passagem em Tessalonicenses ele argumenta que “quem restringe”, descrito nessa epístola, “deve ser entendido *do imperador Cláudio perdendo a paciência e restringindo os judeus*” (2:312).

Lightfoot até mesmo adota a visão que Apocalipse 1:7 fala “de Cristo tomando vingança contra toda nação excessivamente ímpia” (2:319 e 422). Ali ele interpreta a vinda de Cristo como um julgamento providencial sobre “aqueles que o traspassaram” (os judeus) de entre “todas as tribos da terra *literalmente*” (Israel). Isso compromete Lightfoot tão fortemente ao preterismo que ele sugere que o tema geral de Apocalipse é o julgamento de Israel: “Posso adicionar ainda que talvez essa observação possa ajudar (se meus olhos não me enganarem) em descobrir o método do autor do Livro do Apocalipse” (3:210). Isso o levou a concluir que a “cena judiciária estabelecida em Apocalipse 4 e 5, e aqueles tronos em Apocalipse 20:1” falam do “trono de glória” e “devem ser entendidos como o julgamento de Cristo a ser trazido sobre o traidor, rebelde e ímpio povo judeu. Nos deparamos com menções muito freqüentes da vinda de Cristo em sua glória nesse sentido” (2:266).

Chegando ainda mais perto dos nossos dias, o grande erudito da hermenêutica, Milton S. Terry (1840-1914), publicou muita coisa sobre o esquema preterista. Suas convicções preteristas aparecem abundantemente tanto em seu texto clássico *Hermenêutica Bíblica*<sup>3</sup> (1885; rep. 1974) como em sua obra separada

<sup>2</sup> *Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica.*

<sup>3</sup> *Biblical Hermeneutics.*

*Apocalipse Bíblico*<sup>4</sup> (1898; rep. 1988). O renomado historiador da igreja, o suíço Philip Schaff (1819-1893), também publicou uma visão preterista do Apocalipse em seu clássico *História da Igreja Cristã*<sup>5</sup> (1:825-852).

Um dos melhores comentários preteristas sobre Apocalipse já publicado foi o *Comentário sobre o Apocalipse*<sup>6</sup>, do americano congregacionista Moses Stuart (1780-1852). O ainda popular comentário sobre o Apocalipse do erudito metodista Adam Clarke (1762-1832) segue muito do comprometimento de Lightfoot a um foco sobre o ano 70 d.C., como o faz aquele encontrado em *Os Dias Primitivos do Cristianismo*<sup>7</sup> do renomado historiador anglicano F. W. Farrar (1831-1903). A *Baker Book House* republicou recentemente *A Mensagem de Patmos*<sup>8</sup> (1921, rep. 1989), de David S. Clark, pai do apologista presbiteriano Gordon H. Clark.

Entrando em nossa própria geração, várias exposições reformadas têm ajudado a abastecer o reavivamento atual do preterismo. O livro *A Escatologia de Vitória*<sup>9</sup> (1971) de J. Marcellus Kik desenvolveu o Discurso do Monte da Oliveira em grande detalhe para nós. Obras ainda mais recentes incluem: *A Grande Tribulação*<sup>10</sup> (1987) de David Chilton, *Loucura dos Últimos Dias*<sup>11</sup> (1991) de Gary DeMar e meu livro *Tempos Difíceis*<sup>12</sup> (1998).

A primeira fase do avivamento atual dos comentários preteristas sobre Apocalipse inclui o livro *O Tempo está Próximo*<sup>13</sup> (1966) de Jay E. Adams e *Examinai as Escrituras: de Hebreus a Apocalipse*<sup>14</sup> (1978) de Cornelis Vanderwaal. Mais recentemente temos *Os Dias de Vingança*<sup>15</sup> (1987) de David Chilton, *Apocalipse: Quatro Visões*<sup>16</sup> (1996) de Steve Gregg, e minha contribuição para o livro *Quatro Visões sobre o Livro de Apocalipse*<sup>17</sup>, de Marvin Pate, bem como o meu livro *Um Conto de Duas Cidades*<sup>18</sup> (1999). O livro *Os Últimos Dias Segundo Jesus*<sup>19</sup> (1998), de R. C. Sproul, emprega o preterismo como uma ferramenta apologética na defesa da integridade das profecias de Jesus (Oliveira) e de João (Apocalipse).<sup>20</sup>

À medida que consideramos a história do preterismo, deveríamos estar cientes das suas várias ramificações. Assim como o pré-milenismo tem expressões nas seitas (por exemplo, Mormonismo e Testemunhas de Jeová), bem como expressões dispensacionalistas (por exemplo, Scofield e Ryrie) e históricas (por exemplo, Ladd e Kromminga), assim também o preterismo têm três divisões principais hoje.

---

<sup>4</sup> *Biblical Apocalypitics.*

<sup>5</sup> *History of the Christian Church.*

<sup>6</sup> *Commentary on the Apocalypse.*

<sup>7</sup> *The Early Days of Christianity.*

<sup>8</sup> *The Message from Patmos.*

<sup>9</sup> *The Eschatology of Victory.*

<sup>10</sup> *The Great Tribulation.*

<sup>11</sup> *Last Days Madness.*

<sup>12</sup> *Perilous Times.*

<sup>13</sup> *The Time Is At Hand.*

<sup>14</sup> *Search the Scriptures: Hebrews to Revelation.*

<sup>15</sup> *The Days of Vengeance*

<sup>16</sup> *Revelation: Four Views*

<sup>17</sup> *Four Views on the Book of Revelation*

<sup>18</sup> *A Tale of Two Cities*

<sup>19</sup> *The Last Days According to Jesus.*

<sup>20</sup> Livro lançado em 2002 pela Editora Cultura Cristã com o título “*Os Últimos Dias Segundo Jesus*”.

Os preteristas liberais (por exemplo, James Moffatt, *Expositor's Greek Testament* 1940) geralmente vêem as profecias do ano 70 d.C. como pronunciamentos *ex eventu*, isto é, como pseudo-profecias “após o evento”. O Apocalipse é especialmente considerado como um composto editado de vários oráculos judeus e cristãos gerados a partir das respostas históricas à destruição de Jerusalém. Os preteristas liberais reconhecem corretamente o foco sobre o ano 70 d.C. em muitas profecias de julgamento, mas negam erroneamente a natureza preditiva da profecia inspirada. Suas obras frequentemente contêm pérolas históricas e gramáticas valiosas, que podem ser separadas do entulho da exegese crítica.

Os hiper-preteristas (por exemplo, J. S. Russell's, *The Parousia*, 1887, rep. 1983, 1997) fornecem muitos *insights* excelentes sobre passagens preteristas. Desafortunadamente, eles vão longe demais ao estender observações válidas, reunidas de passagens de julgamento que são confinadas temporalmente (textos incluindo delimitações como “bem breve” e “perto”), para passagens que não são temporalmente limitadas e que realmente profetizam a futura Segunda Vinda de Cristo. Essa escola de preterismo tende a focar *todos* os pronunciamentos escatológicos sobre o ano 70 d.C., incluindo a ressurreição dos mortos, o grande julgamento e a segunda vinda de Cristo. Conseqüentemente, eles abandonam a ortodoxia histórica ao negar um retorno futuro de Cristo e até mesmo são pressionados por requerimentos do sistema a negar a ressurreição corporal de Cristo. Essa visão tem desenvolvido adeptos como os das seitas, ou seja, cujos aderentes se focam numa única coisa e são excessivamente combativos.

Preteristas evangélicos (e reformados) (por exemplo, R. C. Sproul) tomam os textos da Escritura seriamente e aplicam aquelas [profecias confinadas temporalmente] ao ano 70 d.C., um evento redentivo-histórico de enorme conseqüência. Eles argumentam que ali Deus final e conclusivamente alargou seu foco redentor dos judeus para todas as raças (Mt. 28:19), da terra de Israel para todo o mundo (Atos 1:8) e da adoração baseada no templo a uma adoração mais simples baseada no espírito (João 4:21-24). Todavia, onde tais delimitadores de tempo estão ausentes dos textos escatológicos, os preteristas evangélicos aplicam as profecias à Segunda Vinda no final da história. Os julgamentos em 70 d.C. são similares àqueles associados com a Segunda Vinda (e à conquista de Babilônia no Antigo Testamento) e são realmente sombras dela.

Assim, o preterista urge que o cristão interessado em profecia bíblica “volte ao futuro”. Isto é, em muitos casos devemos voltar à audiência original e olhar para o futuro *próximo*. E para entender a natureza histórica do próprio preterismo, devemos olhar além do debate atual para o fluxo de interpretação que corre por toda a história do Cristianismo.

Sobre o autor: Kenneth L. Gentry tem vários títulos em teologia, incluindo um Th.D. do Seminário Whitefield. Ele é pastor da Igreja Presbiteriana de Reedy River, em Conestee, Carolina do Sul, e escreveu vários livros e inúmeros ensaios. <http://www.kennethgentry.com/>